

É ENFORCADO
GOMES FREIRE



Paço de Arcos, 18 de Outubro de 1817.

Estava marcada para as 6 horas da manhã.

A-fim-de poder tomar nota de todos os movimentos, de todos os pormenores que precedessem a execução da sentença, saí ontem, de manhãzinha, da minha casa de Paço de Arcos, disposto a passar o dia e a noite nas imediações da Tôrre de S. Julião da Barra, caso me não deixassem entrar.

Dia cinzento, dia lúgubre. O vento soprava do sudoeste, o mar uivava na Coroa do Bugio, varrida pelas ondas, e plumas de espuma branca, como o peito das gaivotas, marinhavam pelas muralhas do Forte das Maias, ali a dois passos de nós.

Os carpinteiros tinham acabado de erguer a fôrca sôbre o patíbulo, e o tenente-coronel Roberto Had-

dock, que fôra duma extrema gentileza para comigo, olhava aquella fábrika com visível terror.

— «Já não há nada a esperar» — por fim, exclamou. — «A morte e por enforcamento, como um criminoso comum!»

Depois, contou-me o mau tratamento que Gomes Freire tivera ali na Tôrre, onde estava desde 25 de Maio, até que o marechal de campo Archibald Campbell fôra tomar conta do comando da fortaleza. Este official inglês, que o encontrara a dormir sôbre as lajes e sem meios para se alimentar, conseguira que fôsse permitido a família mandar-lhe dinheiro, que lhe dessem uma cama e que o físico-mor do Exército o visitasse. Obtivera até do marechal Beresford autorização para que o preso pudesse dirigir um requerimento a El-Rei, o qual deveria ser remetido para o Brasil. Gomes Freire tinha pôsto grandes esperanças no resultado dêsse documento, mas ao saber que êle fôra entregue ao Senhor Marquês de Borba e estava nas mãos dos Governadores, exclamou para Campbell: — «V. Ex.^a verá que eu serei enforcado como um cão, nas vizinhanças desta fortaleza!»

Previa certo, o antigo e irrequieto tenente-general. Porém, dentro em pouco, começou a nutrir a esperança de que o executassem como se fôsse ainda militar. Pediu que em vez de lhe applicarem a pena de garrote, o arcabuzassem. Queria morrer como o marechal Ney, que fôra quem o fizera *venerável* duma loja maçónica em França, e por quem tinha grande admiração. Queria imitá-lo na hora derradeira: dar a voz de *fogo* à escolta que o fuzilasse.

*

Isto me contava o tenente-coronel Haddock, no seu quarto, depois da ceia, quando o vieram avisar de que o desembargador Dr. Pedro Duarte da Silva, apoiado pelo coronel Inácio Joaquim de Castro, ordenava que se abrissem as portas da Torre à escolta de cavalaria que se aproximava com o carrasco que havia de executar Gomes Freire.

Haddock saltou dum pulo, como quem queria opor-se a semelhante determinação. Altercaram. Depois, conveyo em que a escolta entrasse após o habitual reconhecimento.

Os amigos de Gomes Freire ou os seus apaniguados na terrível seita maçónica, de que êle tinha sido eleito, há pouco, Grão-Mestre, pretendiam ainda levantar obstáculos à sua execução, evitar-lhe, talvez, a morte infamante. No entanto, justiça ia ser feita; ainda que fazer justiça seja por vezes tarefa bem cruel.

Eu sentia perder a serenidade ao ver aproximarem-se os últimos momentos de uma pessoa com perto de 60 anos, que, a-pesar-de tôdas as suas leviandades e delitos, fôra alguém neste País, ascendera aos mais altos postos, granjeara grande nome lá fora, e era até estimado pela Família Real. Caber-lhe-ia a responsabilidade do monstruoso crime de que o acusavam? Quanto aos que vão ser justicados no Campo de Santana, não resta dúvida. Mas a Gomes Freire?... Havia tanta gente a interessar-se por êle, a proclamá-lo inocente! Falava-se até numa sublevação do Exército para o libertar. Se El-Rei D. João estivesse em Lisboa, talvez o não executassem.

Assim discorria, sòzinho, no aposento em que me deixaram, quando uma ordenança me veio chamar da parte de Haddock. Estremeci. Não era por enquanto a execução; era para, de longe, assistir à leitura da sentença.

*

Vi então, lá no fundo da masmorra, a figura de Gomes Freire, esquelética, como se já não fôsse dêste mundo. Junto ao seu pobre leito, iluminado por duas velas, parecia a sombra dum fantasma. Quem diria estar ali o vencedor de Orzakow, o governador de Dresda, o combatente de Port-Bau e de Montereiz?

Mas notei que tinha vestida a sobrecasaca e calçadas as botas. Explicaram-me depois que era porque estava na persuasão de que ia morrer como soldado.

Junto dêle, frei Diogo de Melo e Meneses tinha-lhe ouvido a última confissão.

Quando o despiram e lhe enfiaram a alva dos enforcados, desmaiou, com a indignação que lhe causou aquela afronta. Tornado a si, teve palavras ásperas para seu primo, o Sr. D. Miguel Pereira Forjaz. Depois, recobrou a serenidade.

Aproximava-se a hora fatal. Grande movimento de tropas na fortaleza. Eram as fôrças recém-chegadas que iam pôstar-se em redor do patíbulo.

Quis Gomes Freire escrever aos parentes e amigos — certamente à Sr.^a D. Matilde de Melo e ao Sr. António de Sousa Falcão — mas tal lhe não foi permitido. Pediu que chamassem *sir* Archibald Campbell, para lhe agradecer as atenções que dêle recebera e lhe dizer o último adeus; o marechal mandou-lhe

responder que, apreciando embora muito a sua atenção, nada tinha Freire de Andrade que lhe agradecer. O que fizera por êle fôra ditado pelo seu sentimento e pelo dever de militar, obediente às ordens do Governo. Lastimava não poder corresponder ao desejo de se verem; achava-se, porém, incomodado a ponto de não poder sair de casa.

Eram bem severas as ordens dadas aos magistrados contra Gomes Freire.

Êste, desalentado, sentou-se na beira da cama e, levantando para Haddock os olhos humedecidos, estendeu-lhe a mão para que lha apertasse. Tal gesto fêz suspeitar ao Dr. Pedro Duarte e aos demais ministros que o tenente-coronel e o preso mantinham relações de carácter secreto e que aquêle apêrto de mão seria um sinal maçónico.

O Dr. Duarte, colérico, olhou-me com arrogância e convidou-me, sêcamente, a sair da Tôrre.

Dispunha-me a obedecer quando notei que tudo se preparava para o condenado sair também, a caminho do suplício.

*

Formou-se o cortejo. À porta do calaboiço estava a guarda, comandada por Roberto Haddock. Os ministros, ao verem Gomes Freire assomar à porta, suspuseram um olhar de entendimento com aquêle official e mandaram suspender a marcha. Gomes Freire estacou. A sua expressão — de alva vestida, pés descalços, rosto macerado — infundia piedade. Só os olhos lhe brilhavam, como se ardesse em febre.

Que se passava? O Sr. Dr. Pedro Duarte reque-

rera ao coronel Francisco José da Costa e Amaral, comandante do regimento n.º 19, que destituísse Haddock do comando da guarda que havia de escoltar o penitente. O coronel nada resolveu por si e comunicou o requerido a *sir* Campbell. Este não acedeu à exigência, com o que se não conformaram logo os magistrados. Novo recado. Nova recusa. Então os ministros, indignados, perguntam ao tenente-coronel se lhes garante as vidas, ao que este redargue que «as vidas não pode garantir, mas responde pela fidelidade dos oficiais e pela disciplina dos soldados».

Nisto se gastara uma hora, durante a qual Gomes Freire, de pé, não dera sinal de cansaço. Sorria...

Põe-se de novo o lúgubre cortejo em marcha. Custa-lhe a caminhar descalço; Haddock tenta dar-lhe uns sapatos; os juízes não consentem que o condenado os calce.

Passa-se o portão da fortaleza. O sol doira as ondas do Tejo. O vento abrandou. Cá fora o povo é contido a distância por cinco companhias do 19. Novo incidente. Os magistrados estão receosos de qualquer sedição para salvar o condenado e pedem ao coronel Amaral que dê a voz de «meia volta à direita» para que os soldados virem as costas ao patíbulo. O prestígio de Gomes Freire poderia ainda revoltá-los. Porém, Amaral responde altivo:

— «Não faço essa **injúria** a bravos que tantas vezes encararam o **inimigo sem** nunca lhe voltar as costas!»

O tenente-coronel Roberto Haddock chora e os soldados choram também. Eu mal retenho as lágrimas e um tremor se apodera de mim. Pela primeira vez

assisto a uma pena capital — oxalá seja também a última — e para mais duma pessoa de tal envergadura como Gomes Freire. Mas domino-me e continuo a presenciar o terrível drama, para dêle dar boa conta aos meus leitores. Deveres do officio...

O condenado sobe os degraus do patíbulo. Sussurro na populaça, que o enxerga agora melhor. Rodeiam-no sacerdotes e officiaes de justiça. Gomes Freire vai falar. Oiço as suas primeiras palavras:

— «Amei sempre a Pátria e nunca fui traidor. Perdõem-me todos, e vocês soldados, que foram sempre a minha gente, continuem a servir a Pátria como sempre a serviram portuguezes...»

Depois, a voz perde-se por entre as preces dos frades, que a atabafam por completo.

O carrasco eleva-o, passa-lhe a corda... Não posso ver mais! Quando torno a olhar, o corpo de Gomes Freire baloiça já sem vida.

Decepada a cabeça, falta a cremação. Em breve a fogueira lhe consome as carnes ressequidas.

Há pressa em pôr termo àquêlê espectáculo. O tronco, mal queimado, foi atirado ao mar...

O povo debanda silencioso e triste.

Não tive ânimo de tornar a ver Haddock. Para dominar a comoção, meti a pé em direcção a Paço de Arcos. Tão depressa vim, que cheguei a casa em menos de uma hora e daqui escrevo a noticia que mando pela posta... para que me não mandem fazer a reportagem das execuções que se hão-de realizar esta tarde no Campo de Santana.